



O TEMPO COMO MÍDIA DA CULTURA

por Milton Pelegrini¹

Resumo: A questão perturbadora é que para a cultura, se a mídia sincroniza nosso tempo com o tempo da realidade, então devemos perguntar quais são os tempos que estão sendo sincronizados neste processo. De um lado, um tempo construído culturalmente, cíclico, e do outro, um tempo também cultural, mas abstrato, matemático.

Palavras-Chave: Tempo; Mídia Terciária; Temporalidade; Não-Tempo

Abstract: The disturbing question is that for the culture, if the media synchronizes our time with the time of the reality, then must ask which times that are being synchronized in this process. Of a side, a culturally constructed time, cyclical, and of the other, also a cultural time, but abstract, mathematical.

Keywords: Time; Tertiary Media; Temporality; Not-Time

""Senhor...se não restam mais humanos, que ao menos restem robôs-Ao menos a sombra do homem!"

Karel Capel, R.U.R. (Rossum's Universal Robots), 1920

¹ Milton Pelegrini é jornalista, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, doutorando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, diretor de Comunicação e pesquisador do CISC - Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia.





0. O tempo como mídia da cultura

Quando o filósofo, sociólogo e teórico da mídia alemão, Dietmar Kamper, disse em uma conferência para publicitários que o que mais afligia o homem hoje era a perda do presente, ele estava apontando o olhar para um passado muito remoto, diagnosticando no tempo a crescente escalada da abstração que sempre esteve nos ajudando a sair da condição de ter a morte como o sentido único na vida. Foi por medo deste destino que o homem precisou refugiar-se em um mundo atemporal garantindo para si a prerrogativa de continuar existindo contra o tempo, um outro nome dado culturalmente à morte. A cultura nasceu do medo da morte.

O semioticista da Cultura tcheco, Ivan Bystrina, encontrou no jogo, no sonho, nos estados alterados de consciência e nas psicopatologias o terreno fértil para o surgimento da cultura. Em todos eles é possível verificar a presença de mecanismos que indicam o início do processo de abstração, que ele chamou de segunda realidade. Uma outra definição de cultura (que contempla especificamente o tempo) foi proposta pelo psicanalista Ashley Montagu quando afirmou que ela era o processo de criar, transmitir e manter o passado no presente. O professor e pesquisador do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, Norval Baitello Junior propõe:

Na verdade poderíamos ampliar e flexibilizar a definição de cultura de Ashley Montagu de 'criar, transmitir e manter o passado no presente', acrescentando diferentes combinações, a meu ver todas elas reais - criar, transmitir e manter o presente no passado e no futuro, e, criar, transmitir e manter o futuro no presente e no passado (BAITELLO: 1999, 95)





1. Os instrumentos do tempo

Marcar compassadamente os períodos da vida com base em processos naturais tem sido a base constitutiva da cultura humana, desde a tomada da consciência da morte. Edgar Morin mostra-nos este processo:

...já se pode detectar no homem de Neanderthal um pensamento que não é totalmente investido no ato presente, o que significa que se pode detectar a presença do tempo no seio da consciência. A associação de uma consciência de sujeições, de uma consciência do tempo já indica no sapiens a emergência de um grau mais complexo e de uma nova qualidade do conhecimento consciente. (MORIN: 1979, 102)

Inúmeros achados paleoastronômicos² ajudam a conhecer o perfil latente da cultura humana que já começava, há 9 mil anos AC, a codificar simbolicamente o tempo como o mais importante sistema construído socialmente. Amador Rebullida Conesa, em seu livro *Astronomía y Religion en el Neolítico-Bronce* explica que em pequenas sepulturas neolíticas há traços helicoidais que se relacionam com os lugares do horizonte onde acontecem tanto os nascimentos como os ocasos do Sol, enquanto em outras há presença de traços relacionados com lugares do horizonte onde a Lua tem seus nascimentos e ocasos ao longo de suas fases.

Culturas construíram instrumentos do tempo de maneiras diferentes. Suas concepções mítico-religiosas ajudaram a grafar o tempo como textos culturais mais adequados para o propósito básico de sua criação, ou seja, codificar uma estrutura simbólica capaz de atuar com seus códigos de modo vertical sobre as sociedades, sincronizando ações vitais

² Ramo da Arqueologia que investiga o conhecimento que o homem pré-histórico tinha sobre questões astronômicas.





organizadas coletivamente como a agricultura ou mesmo ajudando a prever os ciclos de estações que interferiam diretamente na sobrevivência do grupo. Os calendários mesopotâmico, egípcio, hebreu, grego, latino, muçulmano e os calendários asiáticos têm em comum o uso dos modelos cíclicos da natureza como uma reprodução simbólica. Mielietinski identifica o desenvolvimento de mitologias agrárias que se relacionam com traços específicos da organização social onde foram concebidos:

Em todos os lugares em que havia uma verdadeira cosmogonia e não só os mitos etiológicos e afins, os tempos primordiais eram interpretados como tempos cosmogônicos. Por isso toda sorte de iniciações rituais, inclusive as coroações e as cerimônias de ano-novo, podiam ser acompanhadas da recitação dos mitos cosmogônicos ou compreendiam a simbólica do ato cosmogônico (a sacralização do poder imperial na Oceania, África, Índia e Egito; a festa de ano-novo na Babilônia)...(MIELIETINSKI: 1987, 255)

Esses modelos conceituais do tempo que foram forjados a partir da observação de fenômenos naturais deram origem ao conceito de tempo cíclico³. Ele existe simultaneamente, na maior parte das sociedades com um tempo linear, construído, via de regra pelas insuficiências dos calendários quando é preciso lidar com períodos longos, fato que conduz, invariavelmente, a um processo de linearização do tempo. Várias reformas do calendário foram necessárias para lidar com essas insuficiências. A última delas, por conta de uma diferença de três dias a cada quatro séculos, gerou o calendário gregoriano⁴.

³ Segundo Krzysztof Pomian é preciso considerar a definição de ciclo como um intervalo entre duas repetições de um mesmo fenômeno. Assim, pode-se dizer que o tempo da cronometria - do calendário e do relógio (ou dos instrumentos que o precedem) - é um tempo cíclico.

⁴ O papa Gregório XIII ordenou que um jesuíta alemão chamado Clavius dirigisse um grupo de sábios para realizar a reforma do calendário em 1582. Para resolver o problema de três dias de excesso a cada quatro séculos eles decidiram que os anos continuariam sendo bissextos a cada quatro anos, mas que em todos os anos seculares (os que finalizassem com dois zeros), que eram bissextos no calendários julianos, deixariam de ser todos aqueles que não fossem divisíveis por quatro, conseguindo-se com isso suprimir três dias a cada quatro séculos.





Calendários, relógios de sol, clípsidras e ampulhetas permitiam conhecer, até o século XIII, o tempo mítico-litúrgico, sendo substituídos em meados de 1200 por relógios mecânicos que foram concebidos a partir de planetários, dos equatoriais e dos astrolábios que mediam o tempo sideral. Essa mudança, longe de parecer o declínio de um sistema simbólico vertical capaz de sincronizar as sociedades, se consolida como apenas uma aparente modificação de natureza técnica. Houve com inclusão de instrumentos mais sofisticados tecnologicamente a reafirmação do tempo como um sistema simbólico capaz de organizar os processos sociais de modo mais eficiente.

...antes que esta inovação produzisse efeitos no campo científico, outro aspecto do relógio, o seu aspecto propriamente social e político, depressa fez dele um instrumento público cujo funcionamento não concernia um pequeno grupo de estudiosos, mas todos os habitantes da cidade. Com efeito, a capacidade de mostrar o tempo, dando as horas, com o céu encoberto e com o céu limpo, de dia e de noite, levou no século XIV as cidades a instalarem relógios na torre sineira e no campanário da catedral, ao mesmo tempo que o rei da França colocava um no seu palácio.(POMIAN: 1993, 27)

Os textos simbólicos ajudam a consolidar processos sociais, uma vez que foram codificados para atender determinadas exigências de caráter organizacional. O professor Norval Baitello Junior fala desta característica do símbolo tempo.

O tempo como símbolo, como sistema simbólico, portanto, como texto cultural, passa a desempenhar um papel de vital importância na organização das sociedades, mas também de crucial complexidade e abstração, dada a sua natureza simbólica, vale dizer, social e contratual, vale dizer, histórica. (BAITELLO: 1999,27)

2. A sociedade dos instrumentos

O tempo cíclico da observação dos fenômenos naturais começa a se cristalizar como o tempo do Estado com Carlos V, em 1370, quando Paris tem todos os sinos regulados por





sua determinação com o relógio do palácio real, que dá as horas e os quartos⁵. Assim, com a expansão comercial da Europa, que deu margem a um processo de desenvolvimento industrial sem precedentes na história ocidental, um novo conceito de tempo começa a se instituir culturalmente e transforma o século XIV como um marco no processo histórico da humanidade. Modificam-se as atitudes frente ao tempo, à vida e à morte, ao passado e ao futuro.

É no século XIV que Nicola d'Oresme compara o universo a um grande relógio mecânico ao qual Deus, que é o seu artífice, imprimiu um movimento tal que fez girar todos os mecanismos o mais harmoniosamente possível. (WHITE: 1962,184)

Somente no século XVI se difunde pela Europa o hábito de acrescentar mais um ponteiro nos relógios, afim de marcar os minutos. Galileu descobre as leis do pêndulo e passa a utilizá-lo como instrumento de medida do tempo. Ele garantiu um nível de exatidão espantosa reduzindo o atraso de minutos nos relógios até então produzidos para segundos. A concepção de um tempo matematizado surge com Galileu a partir de suas experiências com a aceleração. É dele a inferência de ser possível relacionar espaço com tempo. Para ele, numa mesma distância, a velocidade é tão maior quanto mais curto for o tempo. Se sabemos de uma delas, é possível conhecer a outra. Nesse contexto já é possível considerar e verificar que cada vez mais os instrumentos do tempo fabricados pelo homem servirão para medir o tempo da "natureza".

3. A sociedade das máquinas

⁵ Carlos V tinha verdadeira fascinação pelo tempo: tinha em seu quarto onze astrolábios, dois quadrantes, um relógio de mar, duas grandes ampolas cheias de areia, um relógio todo confeccionado em prata, como atesta Labarte, J. em seu *Inventaire du mobilier de Charles V, roi de France*, Imprimerie Nationale, Paris, 1879.





Talvez a mais significativa mudança imposta à sociedade ocidental pela primeira Revolução Industrial⁶ tenha sido a formação do conceito de "cotidiano" como um instrumento de transformação dos códigos da cultura. Nossa atual observação dessas alterações é privilegiada. Privilegiada porque nos permite olhar sobre uma linha de um tempo que construímos e que nunca foi uma "linha" para as sociedades que a vivenciaram. Junto com o conceito de cotidiano coletivo imposto simbolicamente pelo advento das estradas de ferro, no século XIX, um novo símbolo diretor marcava o início da supressão dos tradicionais conceitos de tempo cíclico. A idéia de "progresso" inaugurava um conceito diferente para o tempo: ele passa a ser simbolicamente representado por uma flecha que é disparada pela força das máquinas rumo ao futuro. É quando o cotidiano é fracionado a níveis de compreensão fora do único tempo mensurável que era o tempo de vida.

O presente não era mais percebido pelo indivíduo, mas pela sociedade por conta de uma nomenclatura codificada por convenções, como foi o caso da assinatura, em 20 de maio de 1875, da convenção do metro, o Comité International des poids et mesures, cuja missão consistia em unificar mundialmente as grandezas físicas. Assim, subdividindo a hora, o segundo foi definido como a fração 1/86400 do dia solar médio. A flecha do tempo não poderia ser mais medida pelos ciclos observáveis da natureza, mas por uma convenção que atribuiu à sociedade ocidental novos conceitos para o tempo que já nada tinham a ver com os códigos construídos para acompanhar a vida das sociedades até a morte. Os tempos sociais fracionados pela imposição industrial da produção já continham traços do que concebemos hoje como idéia coletiva de "progresso".

⁶ A data convencional que marca o início da Revolução Industrial na Inglaterra é 1760. T.S. Ashton em seu livro "A Revolução Industrial" tece considerações sobre um período inicial para o evento que vai desde a subida ao poder de Jorge III (1760 - 1820), passando por Jorge IV (1820 - 1830) até à de seu filho Guilherme IV (1830 - 1837).





No final do século XIX já é possível constatar a presença de um conceito de tempo marcado pelos avanços tecnológicos cedidos pela escala industrial de produção. Fabricação de relógios, escolarização e a consequente interferência desses processos no cotidiano das cidades industrializadas que incorporam um processo psicológico interiorizado, espontâneo e geral, como afirma Krzysztof Pomian:

É este tempo que é hoje o tempo quantitativo do senso comum, ao passo que a aquisição do domínio dos tempos mais recentes e mais sofisticados - por exemplo, da teoria relativista ou da mecânica quântica - constitui o objeto de um ensino especializado e, portanto, de uma aprendizagem deliberada, sujeita ao controle e reflexão e que exige um conhecimento duma escrita particular como a matemática. (POMIAN: 1993,69)

Não há como evitar olhar para este quadro sem nos remetermos ao diagnóstico de Dietmar Kamper sobre a perda do presente. O filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser também trabalhou com o conceito de abstração prevendo, na década de 1960, que já havíamos chegado a um mundo codificado pela nulodimensionalidade, o mundo do cálculo.

4. As máquinas do tempo

O começo do século XX já começava a desenhar o alvo que deveria ser atingido com a seta do tempo, um conceito que usa simbolicamente o futuro como o único lugar possível para se estar longe da morte, longe do presente. Não é à toa que os processos de sincronização social só foram efetivamente reconhecidos a partir de 1925, quando a sincronização dos relógios só se tornou possível por intermédio da hora difundida⁷ pela rádio.

⁷ De acordo com Pomian, citando Thuillier: 1977,209, anteriormente os condutores das viaturas postais de Nevers, todas as manhãs acertavam o relógio na estação e comunicavam a hora ao sacristão e aos carteiros, que a distribuíam pelas casas.





O estabelecimento da mídia terciária⁸ como principal sistema comunicativo do século XX indicou, de uma só vez, a definitiva quebra de barreiras espaço-temporais e o surgimento de uma importante ruptura no conceito de cotidiano. Ele passa a ser regido por um sistema simbólico que se consolida à medida em que se transforma em sincronizador das sociedades ocidentais. Basta notar a importância que os veículos de comunicação de massa tiveram na alteração dos rumos de sociedades inteiras, contribuindo inclusive na alteração do mapa geo-político da Europa na primeira metade do século passado.

Durante a primeira metade do século XX as inovações técnicas obrigaram as sociedades ocidentais a enfrentarem um processo de aceleração temporal e de diminuição do espaço. O planeta já estava ficando pequeno demais e, conseqüentemente, o tempo futuro cada vez mais próximo. É esse o sentido da flecha do tempo que segue desesperadamente para frente, para a eternidade. O futuro passa a fazer parte dos cenários criados pelas máquinas e não mais por desígnios de textos mítico-simbólicos. Vilém Flusser em um dos seus artigos publicados no suplemento literário do jornal O Estado de S.Paulo fala desse futuro:

O conceito de tempo, dentro do qual se dá a futuração (que é previsão inteligente do futuro), tem a ver com um fluxo "objetivo" de acontecimentos, fluxo esse que se dirige do passado para o futuro, e passa por um ponto imaginário chamado "presente". Esse fluxo é "objetivo" no sentido de ordenado por regras apriorísticas, como por exemplo a entropia. São estas regras extratemporais que tornam a futuração possível. De forma que a futuração se dá em algum ponto fora do tempo, aquele lugar medieval, com efeito, no qual, ("para Deus"), futuro e passado se confundem. A vivência do tempo, dentro da qual se dá a recusa à futuração, tem a ver com a experiência do homem como presença que se lança contra o futuro para transformá-lo em passado. É marcada, como toda vivência, pela subjetividade. E por um empirismo negador de todo apriorismo. Para este

⁸ O conceito de mídia terciária foi criado pelo jornalista e teórico da mídia alemão Harry Pross, na década de 70, em seu livro *Medienforshung*, e significa toda mídia que precisa de um aparato para codificar uma mensagem e outro aparato para decodificá-la.





empirismo subjetivo a futuração anquila o futuro, porque elimina o terreno da experiência imprevisível, e portanto elimina o sentido da vida.⁹

O século XX, em sua segunda metade, permitiu entender o tempo como o parâmetro fundamental dos sistemas comunicativos. Ele pode ser medido hoje com mais precisão científica do que qualquer entidade física, e assim, ele é usado para medir inclusive dimensões espaciais¹⁰.

O tempo e o espaço não são apenas coordenadas da percepção, eles também determinam os processos sociais da comunicação. Daqui, a pertinência de averiguar como influem os meios de comunicação na constituição do tempo e do espaço e qual papel desempenham aqui as novas tecnologias da informação e da comunicação. (ROMANO: 1998, 17)

Mais do que observações socio-político-econômicas sobre os impactos causados no cotidiano pelos avanços tecnológicos da mídia terciária nas sociedades é preciso resgatar um pouco de sua natureza filosófica. Os sistemas simbólicos existem sempre entre o homem e a realidade. Eles estão no meio, como biombo ou como uma fenda, de modo a permitir que a realidade seja vista de um determinado ângulo, e então, nesses casos, a realidade é apenas um ponto de vista. E esse ponto de vista é quase sempre de quem está no meio (entre o homem e a realidade), ou seja, da mídia. Se ela serve como instrumento de mediação e portanto ajuda o homem a sincronizar o seu tempo biológico com a natureza, também é verdade que ela (a mídia) passa a ser, muitas vezes, ela mesma, a única referência da realidade que possuímos.

⁹ Flusser, Vilém in Do Futuro, artigo publicado no dia 1/2/69.

¹⁰ Por conta da estabilidade do átomo de césio, ele é usado com um pseudopêndulo capaz de manter uma precisão próxima do nanosegundo. Os satélites do Sistema de Posicionamento Mundial (Global Positioning System -GPS) transmitem incessantemente sua localização exata, assim como os incrementos de tempo medidos por relógios atômicos a bordo dos satélites. Um erro de tempo de um milionésimo de segundo poderia distorcer um receptor GPS em até 300 metros. (Revista Scientific American - Brasil, Ano 1, número 5, outubro de 2002)





A questão perturbadora é que para a cultura, se a mídia sincroniza nosso tempo com o tempo da realidade, então devemos perguntar quais são os tempos que estão sendo sincronizados neste processo. De um lado, um tempo construído culturalmente, cíclico, e do outro, um tempo também cultural, mas abstrato, matemático.

Do mesmo modo que a escala temporal dos deuses não pode ser vivenciada pelos homens, os processadores eletrônicos operam cada vez mais em uma escala temporal impossível de reconhecê-la pelos sentidos, mas apenas pela matemática. Ambos os tempos são tempos congelados como o tempo que deve existir nas utopias. São um "não tempo". De fato, uma base de dados em um computador existe em um tempo que só é percebido quando a acessamos para obter alguma informação. Fora isso, os dados permanecem em estado atemporal. Ao usarmos a mídia para sincronizar o nosso tempo com o da realidade, não fazemos mais do que sincronizarmos nosso tempo com o da mídia. Somos seres de temporalidade diferente da natureza, já que somos seres de cultura. Construímos o nosso tempo e construímos as máquinas que inventaram seu próprio tempo. Aqui, a expressão "tempo real" já não faz sentido para a humanidade, mas apenas para as máquinas, hoje capazes de operar com tempos infinitamente grandes (quando dos cálculos astronômicos) e infinitamente pequenos (quando dos processadores eletrônicos).

A duração do segundo já pode ser medida com uma precisão de 14 casas decimais, uma precisão mil vezes maior que a de qualquer outra unidade fundamental¹¹. O que poderá significar para o homem um attosegundo?¹² Apenas a comprovação que estamos

¹¹ Segundo informação da revista Scientific American - Brasil, Ano 1, número 5, outubro de 2002.

¹² Um attosegundo corresponde a bilionésima parte de um bilionésimo de segundo. Esse tempo parece longo se comparado com o tempo de Planck, cerca de 10^{-43} s, que é, até agora, o espaço de tempo mais





envolvidos em uma escalada da abstração¹³. Logo veremos que da tentativa de sincronizar nosso tempo biológico (tempo subjetivo como afirma Flusser) com o tempo das coisas (tempo objetivo para Flusser) estamos ampliando o abismo que permeia nossos sentidos e os sistemas simbólicos. Parece não haver sincronismo possível. O tempo (se é que há algum) só existe para os nossos sentidos como parte de sistemas simbólicos, e sendo assim, o abismo temporal que nos separa da realidade foi preenchido por outra fossa temporal, a que existe entre o homem e a mídia terciária, e que já está se consolidando como espectro de nossa virtualidade real.

ASHTON, T.s., (1971) A Revolução Industrial Lisboa - Portugal: Editora Publicações Europa - América

BAITELLO, Norval, (1999) O Animal Que Parou Os Relógios São Paulo: Annablume

BLUMENBERG, Hans, (1986) Tempo Della Vita E Tempo Del Mondo Bologna - Italia: Il Mulino

CASTELLS, Manuel, (1999) A Sociedade Em Rede São Paulo: Paz E Terra

CONESA, Rebullida Amador, (1988) Astronomía Y Religión En El Neolítico-bronze Ègara, Spaña: Terrassa

curto possível. Esse tempo foi calculado como ocorrido há 20×10 elevado à nona potência, e foi relacionado com a criação das partículas no universo. O instante primeiro após o Big Bang.

¹³ Termo adotado por Dietmar Kamper.





CONTRERA, Malena Segura, (2002) Mídia E Pânico - Saturação Da Informação, Violência E Crise Cultural Na Mídia São Paulo: Annablume

ELIAS, Norbert, (1998) Sobre O Tempo Rio De Janeiro: Jorge Zahar

KAMPER, Dietmar, (1998) O Trabalho Como Vida São Paulo: Annablume

LLEDÓ, Joaquín, (1999) Calendarios Y Medidas Del Tiempo España: Acento Editorial

MIELIETINSKI, E.m., (1987) A Poética Do Mito Rio De Janeiro: Forense - Universitária

POMIAN, Krzystof, (1993) Tempo E Temporalidade Lisboa - Portugal: Imprensa Nacional - Casa Da Moeda

PRIGOGINE, Ilya, (1988) O Nascimento Do Tempo Lisboa - Portugal: Edições 70

PROSS, Harry, (1989) La Violencia De Los Símbolos Sociales Barcelona - España: Anthropos

RAY, Christopher, (1991) Tempo, Espaço E Filosofia São Paulo: Papirus

ROMANO, Vicente, (1998) El Tiempo Y El Espacio En La Comunicación - La Razón Pervertida Navarra - España: Argitalexte Hiru

VIRILIO, Paul, (1999) O Espaço Crítico São Paulo: Editora 34

WHITROW, G.j., (1999) O Tempo Na História Rio De Janeiro: Jorge Zahar

